

ENTREVISTA COM A PROFESSORA CLAIRE WILLIAMS (UNIVERSIDADE DE LIVERPOOL – UK).

Perguntas formuladas pelo Prof. Gilberto Martins (UNESP/Assis), em fevereiro de 2008

1. Conte-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica, desde sua formação inicial (graduação) até os dias atuais?

Estudei na Universidade de Durham, no Nordeste de Inglaterra, bastante perto da Escócia. Lá estudei francês e espanhol, e como parte do curso de espanhol aprendi português durante dois anos. Depois da graduação, me inscrevi num curso inteiramente novo da Universidade de Cambridge: um Masters em Literatura Européia (que não era só européia). Durante o curso resolvi que queria fazer um doutorado e falando com a Professora de Português, Dra. Manucha Lisboa (especialista em Machado de Assis e Eça de Queirós), decidi focar a obra de Clarice Lispector. Como há relativamente poucas faculdades que oferecem cadeira de Estudos Portugueses e Brasileiros, tive dificuldades em arranjar trabalho depois de obter o doutorado. Por isso, me candidatei a um curso de especialização em Ensino de Português como Língua Estrangeira, na Universidade do Porto e, quando consegui o lugar, fui a Portugal. Vivi no Porto durante três anos, dando aulas de inglês e fazendo traduções, embora continuando a pesquisar literaturas portuguesa e brasileira. Em 2001, surgiu uma vaga na Universidade de Liverpool. Concorri e consegui, e agora faz sete anos que estou aqui. Estou muito orgulhosa de estar no Departamento onde ensinou o Prof. John Gledson, o grande especialista em Machado de Assis e pioneiro em Estudos Brasileiros no Reino Unido, antes de se aposentar por razões de saúde. Também porque foi das primeiras universidades britânicas a ensinar Português como parte de um curso de graduação.

2. Quais as principais atividades do centro de pesquisa a que você está vinculada em Liverpool?

Não é exatamente um centro de pesquisa. Eu sou neste momento Coordenadora da Secção de Estudos Hispânicos, na Escola de Culturas, Línguas e Estudos de Área (SOCLAS). Chama-se “Estudos Hispânicos” porque os alu-

nos têm a oportunidade de estudar não só Castelhana, mas também Português, Catalão e Galego, e porque temos módulos de história, literatura, cinema, lingüística, etc. Dois anos atrás, a minha secção se juntou com o Instituto de Estudos Latinoamericanos – daí os “area studies” no nome da Escola. Tenho colegas especialistas em Cinema Brasileiro, Cultura Mexicana, Literatura Medieval Espanhola, Literatura Galega, Socio-lingüística Espanhola, etc. Colaboro mais com os colegas que trabalham os estudos de gênero. Organizamos congressos, pequenos e grandes, para divulgar nossas pesquisas e partilhar idéias. Também a University of Liverpool publica desde 1923 uma revista famosa na área de Estudos Hispânicos: o *Bulletin of Hispanic Studies*. Faço parte do conselho editorial, com responsabilidade para artigos em português e/ou área de Estudos Portugueses.

3. Como você entrou em contato com a obra de Clarice Lispector?

Ouvi falar de Clarice Lispector durante o último ano da graduação. Estudava um módulo do departamento de francês sobre ‘Escritoras do Século Vinte’ (Collete, de Beauvoir, Cardinal, Ernaux, Rochefort, Witting) que achei francamente inspirador. Aprendi que existia uma teoria francesa que dizia que as mulheres escreviam de modo diferente aos homens e que a língua conspirava na opressão delas. E a autora supostamente mais representativa desta “écriture féminine” era uma brasileira chamada... Clarice Lispector. Intrigada, falei com minha professora de português e fui à biblioteca buscar os livros desta brasileira de nome enigmático. O primeiro romance que li foi *A Hora da Estrela*, e confesso que li da tradução para o inglês. Aí começou uma fascinação com a escritora e sua obra que eu sabia que queria desenvolver quando tivesse a oportunidade. Durante o doutorado li tudo que encontrava de e sobre Clarice – a paixão continuou e continua. Senti como

se ela me conhecesse, da maneira que ela descrevia emoções e sensações que eu também tinha sentido, mas que eu não sabia formular em palavras.

4. Frequentemente a crítica refere-se às características universalizantes da ficção clariceana. No entanto, você acha que é possível reconhecer Clarice como uma escritora essencialmente brasileira? O que os textos de Clarice têm afinal a dizer sobre o Brasil?

Essa é uma pergunta muito interessante, sobretudo para uma estrangeira que conheceu o Brasil mais ou menos através de Clarice, certamente em consequência de a ler. Minha primeira viagem ao Brasil foi em 1996, no segundo ano do doutorado, para visitar bibliotecas no Rio e em São Paulo, para comprar livros, e para ver alguns dos lugares de que Clarice falou nos textos: Leme, Praça Mauá, Copacabana, o Jardim Botânico, etc. Eu tinha uma lista de nomes e chateei as amigas para me levarem a todos os lugares; me senti mais perto dela e dos personagens, vindo de perto o que ela referia e descrevia. Na Biblioteca Nacional me mostraram uma mecha de cabelo dela que têm ali guardado. Aliás, não tinha visto uma barata antes de ir ao Brasil (embora haja em Inglaterra também, mas não tantas!) E isso era importante para entender bem A paixão segundo G.H.

Acho que a escrita de Clarice é de acesso fácil para qualquer leitor que esteja consciente das emoções que ele próprio sente, e que saiba observar e interpretar o mundo ao seu redor. Há contos como “A Imitação das rosas” ou “O Búfalo” e romances como Perto do Coração Selvagem ou Água Viva, que, para mim, poderiam ser localizados em qualquer grande cidade porque têm mais que ver com o interior dos personagens que com o exterior. Outros textos (por exemplo “Amor”, “Feliz Aniversário”, Uma Aprendizagem, A Hora da Estrela) só fazem sentido quando o leitor reconhece as alusões culturais e toponímicas, e conhece um pouco sobre a história sócio-cultural do Brasil, e, mais especificamente, sobre o Rio. É possível ler Clarice sem saber nada sobre Brasil (enfim, sem ser brasileiro) e se concentrar nas sensações e desenvolvimento psicológico dos personagens face aos acontecimentos, ou, o que é completamente viável também, ler Clarice com mais contexto, e ter uma experiência talvez mais rica.

Acho que, de modo geral, os textos de Clarice têm como pano de fundo o Brasil urbano, de meados do século XX, habitado por pessoas sensíveis, confusas, sofrendo crises de vários tipos. Ela cria muito bem o ambiente de dona de casa de classe média, frustrada, procurando algo mais na vida do que a resignação ao papel que a sociedade lhe atribuiu. Mas alguns textos, sobretudo A Hora da Estrela, mostram as chagas do Brasil, tal como o mendigo mostra a ferida na perna à senhora no conto “A Bela e a Fera”.

5. Quais as reações e comentários mais frequentes de seus alunos quando você lhes propõe a leitura dos textos de Lispector?

Infelizmente, por razões logísticas (só duas professoras de português e alunos que dizem ter alergia à Literatura) não é possível incluir muitos textos de Lispector nos meus cursos. Mas faço questão que no meu módulo ‘Literatura em Português’, destinado aos finalistas, eles leiam A Hora da Estrela. Não só porque é curtinho, porque o vocabulário usado não é complicado, porque existe em tradução para inglês e há o filme de Suzana Amaral, com legendas, que eles podem ver, mas porque é um de meus livros favoritos.

Os alunos têm diversas reações; normalmente há uma divisão entre os que sentem pena de Macabéa e os que a acham irritante e um pouco ridícula. Riem muito com as conversas entre ela e Olímpico. Também têm reações fortes aos comentários de Rodrigo S.M.; acham-no arrogante e manipulador. Tento estimular conversas sobre a maneira de combater a pobreza na sociedade através da literatura. E também falamos bastante da metaficção e analisamos a primeira secção do romance, antes do começo da história de Macabéa propriamente dita. Quero que eles vejam as marcas de contrução do livro.

6. O que você acha das traduções para o inglês das obras de Clarice Lispector? Pode citar (e/ou recomendar) algumas?

Os textos principais (romances e contos) já foram quase todos traduzidos para o inglês. Só faltam O Lustre e Um Sopro de Vida. Agora, eu já não consigo ler Clarice em inglês porque as traduções me parecem longe demais do original. Isto não é crítica da minha parte, é só que para mim, em inglês, perdem um sabor ao qual me acostumei. Claro que é importante divulgar a obra e quem leu em tradução pode ficar tão inspirado que aprende português! O mais conhecido tradutor de Clarice, e quem mais traduziu, foi o professor universitário (da University of Manchester, Inglaterra) Giovanni Pontiero (também tradutor de Drummond, Bandeira e José Saramago), que faleceu em 1996. Suas traduções de Perto do Coração Selvagem (Near to the Wild Heart), A Cidade Sitiada (The Besieged City), Laços de Família (Family Ties), A Legião Estrangeira (The Foreign Legion), A Descoberta do Mundo (Discovering the World) continuam a ser editadas e lidas. Ele chegou a conhecer Clarice e teve a honra de ser apresentado a seu cão Ulisses também. Tenho admiração pelos Profs. Earl Fitz e Elizabeth Lowe, que traduziram Água Viva (The Stream of Life), um texto muito escorregadio!

7. Quais outros autores brasileiros costumam despertar o interesse dos leitores e dos acadêmicos ingleses?

O mercado inglês é notório por estar fechado à literatura estrangeira. É muito difícil publicar traduções, sobretudo quando se trata de literatura 'pura' e não literatura com claras marcas de cultura brasileira (por isso, quero dizer os estereótipos: exotismo, sexo, selva, praias, carnaval, samba, futebol, sertão, favela). Tem editoras que apostam nos clássicos: Machado de Assis (Oxford University Press), Jorge Amado (*Serpent's Tail*), e outras que se arriscam com autores menos conhecidos, principalmente a Bloomsbury (um dos fundadores da editora é uma brasileira: Liz Caldwell). Nos últimos anos Bloomsbury publicou Patrícia Melo, Chico Buarque, Milton Hatoum, Paulo Lins e até Bruna Surfistinha... Acho que depois do sucesso do filme *Cidade de Deus*, e outros filmes que tratam da violência urbana na América Latina (*O Invasor*, *Amores Perros*), o público inglês chegou a esperar uma literatura que descreve as mesmas situações perigosas.

Nas universidades também há um grande interesse em "Cultural Studies", particularmente na cultura popular brasileira e especialistas pesquisando áreas como música, cinema, futebol, religião e o orçamento participativo. Em relação à literatura, Liverpool não é muito representativa – neste momento só dou Clarice e Machado de Assis. Na Inglaterra, há dois departamentos independentes de Estudos Portugueses e Brasileiros: King's College London e Oxford University. Nestas importantes universidades há a possibilidade de estudar José de Alencar, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Antônio Callado, Carolina Maria de Jesus, Guimarães Rosa, Raquel de Queiroz, João Cabral de Melo Neto, João Gilberto Noll, Caio Fernando Abreu, Milton Hatoum, Paulo Lins, Adriana Lisboa.

Quanto à pesquisa, tenho colegas em outras universidades inglesas trabalhando hip-hop brasileiro, as chanchadas, a literatura durante a ditadura, cinema contemporâneo. A dizer a verdade, a tendência é mais dos chamados "cultural studies" do que literatura propriamente dita.

8. Agora, a Clarice Lispector jornalista. Por que seu interesse por esses textos menos "canônicos"? Quais relações você vê entre a Clarice jornalista/entrevistadora e a Clarice ficcionista?

Clarice Lispector é uma escritora já muito estudada e é difícil descobrir uma abordagem ou uma leitura diferente dos textos dela. Foi em parte por isso que decidi procurar as entrevistas que não tinham sido incluídas no volume de corpo inteiro. Também pelo fato de identificar uns textos inéditos em livro e querer saber de que se tratavam. Foi

ainda o prazer de pesquisar nos arquivos e nas revistas poeirentas da Biblioteca Nacional e, ao ler as notícias de 1968 e 1976, mergulhar na cultura brasileira do passado.

As entrevistas são invulgares porque Clarice fala muitas vezes de si própria e faz comentários interessantíssimos sobre a criação literária, artística e performativa. E o tom da entrevista reflete o grau de amizade ou simpatia que ela sentia em relação ao entrevistado: ela se mostra coquete, brincalhona, curiosa, entediada, impressionada, chateada. Vê-se seu sentido de humor irônico.

As entrevistas são ao mesmo tempo mais formais e mais informais que a ficção. Algumas seguem o formato tradicional de pergunta e resposta, com poucos comentários, de uma entrevistadora objetiva. Porém, outras são mais próximas às crônicas, ou até à correspondência pessoal parecem menos trabalhadas e menos perfeitas que a ficção.

9. O que o leitor brasileiro vai encontrar no volume de entrevista recentemente publicado e que você organizou (*Entrevistas*, da Editora Rocco, 2007?). Qual a principal diferença entre este livro anterior no qual também apareciam as entrevistas feitas entre este livro e o volume anterior no qual a principal diferença entre este livro e o volume anterior no qual também apareciam as entrevistas feitas pela escritora, intitulado *De corpo inteiro*?

Procurei as entrevistas que Clarice fez com com figuras famosas brasileiras para *Manchete e Fatos* e as transcrevi. Trinta e duas foram publicadas em 1975, no volume de corpo inteiro, organizado pelo editor Álvaro Pacheco, que também acompanhou Clarice a Brasília para fazer a última entrevista da coleção: o ministro Ney Braga. As outras entrevistas estavam inéditas em livro. Achei que valia a pena publicar, em parte refletiam aspectos da cultura do Brasil dos anos 60 e 70, mas também porque mostram uma Clarice desconhecida. Das que coloquei a editora Rocco selecionou as entrevistas com figuras mais conhecidas. Uma quarenta (como, por exemplo, Burlle Marx, Cassiano Ricardo, Gloria Magadan e Maísa) ainda não foram publicadas. A diferença que estavam no livro anterior, e inclui outras. A escolha foi feita para privilegiar as figuras mais midiáticas e não as que já deixaram de gozar do reconhecimento geral.

10. Você pretende continuar a obra de Clarice Lispector? Algum novo projeto em vista ou já em desenvolvimento?

Uma autora canônica como Clarice já foi muito estudada, por muitos pesquisadores, focando os mais diversos aspectos da obra. Eu publiquei um livro (minha tese de doutorado) sobre o encontro entre opostos nos textos de Clarice, e vários artigos: sobre a gastronomia, os nomes

dos personagens, as viagens reais e fictícias, além de leituras de “A menor mulher do mundo” e A Hora da estrela.

Eu gostaria de tentar publicar as outras entrevistas, as não incluídas no livro entrevistas, no Brasil, e , no estrangeiro, quero traduzir O Lustre e Um sopro de vida para o inglês.

Estou lendo Minhas queridas, o livro de correspondência de Clarice com as irmãs durante as estadas no estrangeiro e me interessam as tendências da crítica e a recepção da obra; qual é o romance e o conto mais estudados em teses, artigos e livros.